
SOBRE O FUNDADOR

DA LOGOTERAPIA:

VIKTOR EMIL FRANKL

E SUA CONTRIBUIÇÃO

À PSICOLOGIA

LARISSA ASSUNÇÃO RODRIGUES, LÚCIO ALVES DE BARROS

Resumo: neste artigo, revela-se um pouco da biografia e da obra de Viktor Emil Frankl (1905-1997), evidenciando-se a sua trajetória profissional e familiar. São destacados sua formação acadêmica, o grande amor por sua mulher e família e a experiência nos campos de concentração nazista, com o fim de compreender a origem de sua contribuição à psicologia e ao conhecimento das condições objetivas da humanidade.

Palavras-chave: logoterapia, sentido da vida, humanidade

No artigo em apreço procuramos evidenciar um pouco da biografia e da obra de Viktor Emil Frankl (1905-1997), percorrendo a sua trajetória profissional e familiar. Destacamos, em linhas gerais, sua formação acadêmica, o grande amor por sua mulher e família e a experiência nos campos de concentração nazista. Pretendemos, nesse sentido, compreender a origem de sua contribuição à psicologia e ao conhecimento das condições objetivas da humanidade.

Escolhemos este personagem, que faz parte tanto da história da neuropsiquiatria como da psicologia, por ser um intelectual que comporta um pensamento singular e, como tal, é portador de uma experiência e obra que, sem dúvida,

marcou sua vida e trouxe para a humanidade e para as “ciências do comportamento” contribuições irrecusáveis.

A teoria de Viktor Emil Frankl, conhecida como logoterapia ou psicologia do sentido da vida, assenta-se em pressupostos humanístico-existenciais. Ela teve início em meio às catástrofes da Segunda Guerra Mundial e ao sofrimento passado em quatro campos de concentração nazista. Naquele cenário, Frankl encontrou, além da confirmação de sua interpretação da obra de Sigmund Freud a sua singular contribuição no campo do conhecimento, no qual defende a existência de seres humanos voltados para a vontade de sentido (*Sinngebung*). Dizia ele, na esteira de Nietzsche, que “quem tiver um por-que-viver suporta quase sempre o como-viver”...

Quem conhece um sentido para a sua vida encontra, na consciência desse fato, mais do que em outra fonte, ajuda para a superação das dificuldades externas e dos desconfortos internos. Disto se infere a importância que tem, sob o aspecto terapêutico, a ajuda a ser prestada ao homem no afã de encontrar o sentido de sua existência e de nele acordar; enfim, o desejo semidormente do sentido (Sinngebung) (FRANKL, 1991, p. 32).

Na busca de um sentido para a vida, o autor teria por objetivo delinear uma condição humana não mais voltada para a vontade de prazer ou de aspiração ao êxito material e de poder. Mais que isso, de acordo com Xausa (1986), a teoria frankliana não foi um fenômeno isolado da conjuntura perversa que se firmou no século XX em plena segunda guerra mundial; ela teria sido a “antítese” das “teorias e terapias reducionistas do século passado”, expressando, com contundência, uma originalidade científica e um campo fundamental para o sentido da vida de cada ser humano. Para o autor: a teoria de Frankl, a psicologia do logos, foi um feliz caminho que se abriu “para sanar as angústias causadas pelo vazio existencial gerado por transtornos psicológicos específicos” daquela época (XAUSA, 1986, p. 14).

A contundente prova da proposta de Frankl teve como alicerce a sua experiência – o seu *experimentum crucis* – nos campos de concentração nazista. Filho de pais judeus, não demorou muito para que o espectro construído por Hitler chegasse em sua casa e

arrombasse os alicerces da família Frankl. Tal como sua família, o neuropsiquiatra foi preso e, tal como a maioria dos judeus, sofreu os horrores levados a efeito pelos alemães nazistas e judeus que se renderam á causa alemã.

A abordagem ontológica do ser humano aprofundada por Frankl na Logoterapia, tem por fundamento compreender homens e mulheres em sua totalidade. Parte o autor da acepção básica de que o ser humano é bio-psico-sócio-espiritual, necessitado de liberdade e constituído pela capacidade de suportar o sofrimento, mesmo quando a vida parece longe de qualquer significado. É na obra de Frankl que encontraremos frágeis, mas voltadas para a realização do sentido e a efetivação do valor, ações consideradas normais e primárias da humanidade. Como visto anteriormente, os seres humanos, notadamente nos dias de hoje – e daí a atualidade do pensamento de Frankl – não pode ser reduzido à busca de prazer, tal como ocorria nos tempos de Freud, tampouco pela vontade de poder, fato hoje largamente estudado pelo campo da psicologia individual, cognitiva e de corte behaviorista. O neuropsiquiatra está longe disso, apostando que a neurose coletiva e as patologias de toda ordem estão relacionadas à falta de sentido (noos) e, por ressonância, ao vazio existencial aberto por ela:

O homem de hoje, ao contrário do que ocorria nos tempos de Sigmund Freud, já não é sexualmente frustrado, mas existencialmente frustrado. E hoje sofre menos do que no tempo de Alfred Adler, de um sentimento de inferioridade do que de um sentimento de falta de sentido, precedido por um sentimento de vazio, de um vazio existencial para sua vida (FRANKL, 1991, p. 155).

Contudo, a inserção de Frankl no cenário da psicologia social pode ser percebida, entre outros aspectos, através de suas reflexões sobre o caráter missionário de cada ser humano, partindo do entendimento de que cada ser é uma unidade na multiplicidade e um ser que possui a necessidade de engajamento pessoal na sociedade da qual faz parte.

Como ressaltado, a proposta da Logoterapia é a de perceber a ontologia humana, não de maneira abstrata e genérica, mas em um mundo circundante que o acolhe e aninha. Na medida em que

se desenvolve física, psíquica e espiritualmente, homens e mulheres tomam consciência do “eu” e da existência singular em mundo concreto marcado por diversos valores que possibilitam escolhas e posicionamentos diferentes. Para viver, contudo, é fundamental a manutenção da liberdade, da singularidade e responsabilidade.

Dos Prolegômenos da Logoterapia

Foi em 1926, numa Associação de Psicologia Médica, que, pela primeira vez, Viktor Frankl utilizou o termo Logoterapia. Nessa época, ele ainda era um pesquisador que poderíamos chamar de “teórico”. Sua obra deu origem à Terceira Escola Vienense de Psicoterapia, seguindo a trajetória das escolas de Freud e Adler.

A Logoterapia baseia-se no conceito de que a vida possui um sentido (logos: sentido/ terapia: cura). Está fundamentada no respeito ao ser humano e na sua re-humanização. Nesse sentido, ela amplia a visão do ser humano como um ser único, responsável e capaz de posicionar-se diante dos condicionamentos da vida, justamente porque possui uma dimensão espiritual que comporta as outras dimensões (psicológica, social e física) (FIZZOTTI, 1977a). Todavia, a Logoterapia não pode ser entendida como uma substituição das outras terapias, mas sim como uma complementação e entendimento alternativo das condições subjetivas e objetivas da humanidade.

Não é por acaso que Viktor Emil Frankl seguiu esse caminho. Percebeu ele que as pessoas, especialmente os jovens, que retornaram da Primeira Guerra Mundial na Europa, estavam terrivelmente traumatizados pela destruição sofrida e que somente poderiam recuperar-se psicologicamente dos danos sofridos – incapacidade física, carência de afeto e de recursos logísticos, simbólicos e culturais – quando se empenhassem na busca de um novo sentido para viver. Mais tarde, quando preso nos campos de concentração nazista, ele mesmo constatou a necessidade dos seres humanos em buscar um telos, um significado e um por que viver.

Para o autor, o sentido da vida se afirma através da realização de três categorias valorativas: aqueles que se realizam mediante um ato criador, os valores criadores, os que se realizam na experiência vital, os valores vivenciais e os valores de atitude que se verificam quando a pessoa está numa situação em que nada mais

pode fazer do que suportá-la e aceitá-la. A pessoa, em tais circunstâncias, terá em sua frente um dilema: como suportar e como aceitar a situação na qual se encontra:

Mesmo que o homem esteja numa situação terrível, em que a possibilidade de realização de valores de atitude seja limitada, a realização de valores de atitude sempre continua possível. E através dela, a vida do homem conserva o seu sentido até o último suspiro. (FRANKL, 1989, p. 83).

A História de Viktor E. Frankl

O cenário onde se iniciou a trajetória existencial de Frankl é Viena, capital da Áustria. Uma cidade histórica, belíssima em suas paisagens, circundada pelo canal do Danúbio e pelas árvores do Prater. Talvez este seja um fator que tenha contribuído na formação da personalidade de Frankl, descrito por alguns de seus estudiosos (PAREJA HERRERA, 1984; BÖSCHEMEYER, 1990; FIZZOTTI, 1977a, 1977b), como um homem sensível e admirador notável da natureza.

Nasceu em 26 de março de 1905, no seio de uma família de tradição judaica. Filho caçula, seus irmãos chamavam-se Walter e Estela. Gabriel e Elsa, seus pais, eram Tchecoslovacos, da Morávia do Sul, em Praga. Nessa época, o cenário sócio-político de Viena era o da luta de classes e, aparentemente, havia entre as pessoas uma carência de significado para a vida.

Seu pai, relata Fizzotti (1977a), exerceu o cargo de diretor no Ministério da Educação e destacou-se pelo trabalho político e cultural em relação aos problemas da juventude austríaca. Sua mãe pertencia à família do rabino Loew, da mais antiga sinagoga da Europa. O clima familiar era sereno e alegre. Os valores espirituais eram cultivados com seriedade. Toda a infância e adolescência de Frankl transcorreram no que poderíamos chamar de um clima rico em calor humano e cultural. Desde criança já demonstrava o desejo de tornar-se médico e manifestava também que sua conduta nesta profissão seria diferente, pretendia não recorrer em demasia a medicamentos. A trajetória da família e de Frankl, obviamente, começou a sofrer fortes e intoleráveis marcas por ocasião da Primeira Guerra Mundial. A família passou por graves

dificuldades econômicas a ponto de enfrentar a fome e o desespero da imprevisibilidade de determinados acontecimentos. Frankl e seus irmãos chegaram mesmo a roubar e pedir esmolas, em cegas tentativas de manutenção da sobrevivência.

Um fato interessante da vida do personagem em apreço é ressaltado por Bazzi et al (1981) e Xausa (1986): aos 13 anos, já no segundo grau, um professor de ciências naturais “explicava a vida como um processo de combustão e oxidação, Frankl levantou-se e disse: Professor, se é assim, que sentido tem a vida?” De acordo com os autores mencionados, já era possível perceber que Viktor Frankl já, desde aquela época, mostrava-se preocupado com a essência do que hoje chamamos de Logoterapia.

Ainda na adolescência, Frankl se deparou com a mesma indagação: qual o sentido da vida? O jovem estava indignado com o suicídio de um colega, encontrado com um livro de Nietzsche nas mãos. Sua reação foi a de convencimento da existência de uma forte associação entre a concepção filosófica e a maneira de compreender e enfrentar a vida. Esta constatação levou o autor a se dedicar ao estudo apurado da filosofia (XAUSA, 1986; BAZZI *et al.*, 1981; FIZZOTTI, 1977a; PAREJA HERRERA, 1989; RODRIGUES, 1992).

Em 1924, o jovem estudante ingressou na Universidade de Viena no curso de medicina, formando-se em 1930. Durante esse período, publicou vários artigos, especialmente e, em sua maioria, dedicados à juventude, fase na qual o autor percebia sofrimentos, conflitos e a falta de sentido e significado na vida.

Fato importante na vida de Frankl foi o contato com Sigmund Freud, que se deu, em sua maior parte, através de cartas, às quais Freud sempre respondia. O relacionamento com Freud, segundo nos relata Pareja Herrera (1989) e Fizzotti (1977a), estendeu-se durante a vida universitária. No ano de 1924, Freud publicou um artigo de Frankl na revista internacional de psicanálise, sua primeira publicação científica.

Em 1925, Frankl publicou o seu segundo artigo na “Revista Internacional de Psicologia Individual”. Esse trabalho teve por tema a clarificação da zona limítrofe entre a psicoterapia e a filosofia, com particular ênfase na problemática do sentido e dos valores na psicoterapia, motivo condutor que permeia a maioria dos trabalhos de Frankl. É no artigo mencionado que Frankl res-

salta, pela primeira vez, a psicoterapia como um princípio essencialmente ético e valorativo (BÖSCHEMEYER *et al.*, 1990).

Quando Adler desvinculou-se da Psicanálise Freudiana, Frankl passou a se interessar por sua Psicologia Individual. Julgava a teoria adleriana como mais atenciosa aos problemas existenciais e bastante contundente em relação à totalidade e o sentido da vida dos seres humanos. Freud teria desvalorizado o caminho das pesquisas que pudessem levar à descoberta do sentido da vida. Dizia Freud, em uma de suas cartas a Marie Bonaparte, “No momento em que se interroga sobre o sentido e sobre o valor da vida já se está doente, já que dois problemas não existem no sentido objetivo” (FREUD *apud* FIZZOTTI, 1977b)

No III Congresso de Psicologia Individual Vienense, em 1926, Frankl apresentou um trabalho sobre *Neurose como expressão do meio*, defendendo, de acordo com Xausa (1986), que a neurose pode ser um indício da necessidade profunda de significado. O artigo não foi aceito para publicação por parte de Adler. É neste episódio que, aparentemente, reside a semente originária da terceira escola vienense de psicoterapia. Frankl, naquele artigo, evidenciava que a neurose nem sempre devia ser interpretada como mero meio para um fim, podendo ser também a “expressão do homem”, tendo por ressonância um caráter “instrumental” ou mesmo “expressivo” (FRANKL *apud* BAZZI *et al.*, 1981). Com esta diferença de interpretação da neurose, Frankl deu o primeiro passo para além da concepção causal-genética do homem. O autor antecipou o que vinte anos após essa conferência explicitamente professaria: “as neuroses não são sempre psicogênicas, mas podem ser também noogênicas isto é, ter origem espiritual” (FRANKL *apud* BÖSCHEMEYER *et al.*, 1990, p. 34).

Foi nessas condições que tiveram início as divergências, paradoxos e contradições entre a perspectiva de Adler e a de Frankl, que começou a colaborar com Allers e Schwartz, sendo ainda influenciado pela antropologia de Max Scheler (BAZZI *et. Al.*, 1981).

A atenção de Frankl para o sentido da vida não provinha apenas de uma propensão pessoal, mas era oriunda de fatos como o crescimento das fugas, abandono das famílias e do suicídio entre os jovens, principalmente no período de férias. Para Frankl (1991) a falta de sentido estava se tornando uma neurose coletiva.

M. Scheler é considerado o “pai espiritual” de Frankl. Sua influência sobre a teoria logoterapêutica parte das indagações acerca das “relações entre o espírito e o instinto, a liberdade e o condicionamento da pessoa humana” (BÖSCHEIMEYER *et al.*, 1990, p. 39). Essa problemática, a tensão entre faticidade e facultatividade do existir humano, é o centro também da imagem do mundo elaborada pela Logoterapia.

Para encontrar a resposta às indagações que giram em torno desse problema, Frankl se fez discípulo de Scheler. Este filósofo defendia que aquilo que faz do homem uma pessoa, que caracteriza sua posição especial em relação à esfera do orgânico, não são as funções psíquicas e aptidões, como, por exemplo, a inteligência. Para ele, “a característica decisiva da essência do homem é muito mais um princípio oposto a toda e qualquer vida em geral, também à vida humana: o espírito” (BÖSCHEIMEYER *et al.*, 1990, p. 40).

Frankl buscou também a Filosofia, por ter interesse na ampliação do conhecimento da essência dos seres humanos e de das condições desencadeantes das perturbações espirituais. Nesse contexto, extrapolou a moldura biopsicológica da imagem do ser humano que lhe fora transmitida. Ao cabo, avançou rumo a uma espécie de antropologia filosófica (PAREJA HERRERA, 1989; FIZZOTTI, 1977a)

Em 1927, Frankl fundou e dirigiu uma revista de orientação psicológica intitulada *O homem do dia-a-dia*. Nesta mesma época, ele se desligou da escola adleriana e mostrou a necessidade da criação de centros de atendimento para jovens que, derrubando as tradições, estavam fugindo do lar e tentando suicídios. A criação de tais centros foi logo efetivada, tendo Frankl como o primeiro diretor. Schwartz, Allers, incluindo o próprio Adler, colaboraram neste centro, atendendo e consultando gratuitamente os jovens.

O resultado do trabalho realizado nos centros de atendimento não tardou a ter bons resultados: as fugas e as tentativas de suicídio reduziram-se de forma notável. Após um ano de atividade, não foi registrado nenhum caso de suicídio em Viena, fato que se seguiu por muitos anos. (BAZZI *et al.*, 1981). É inegável que essa atividade possibilitou a Frankl uma vasta acumulação de conhecimento e contatos com personalidades que se interessavam pela psicoterapia. (FIZZOTTI, 1977a). Os centros funcionavam estra-

tegicamente em residências particulares ou em conjunto com colégios da época, numa clara tentativa de atrair os jovens que necessitavam de ajuda. O serviço, contudo, não se destinou somente aos jovens. Trabalhadores e pessoas da comunidade também fizeram parte do projeto. Frankl nutria grande preocupação pelos problemas sociais e não deixou de analisá-los em alguns textos e livros de sua obra (FRANKL, 1991).

Note-se que Frankl, apesar de estar preocupado com uma abordagem terapêutica no âmbito da clínica individual, procurava realizar trabalhos que fossem significativos do ponto de vista coletivo, isto é, que tivessem um alcance amplo em relação à totalidade, e não cristalizada na personalidade do indivíduo.

Ao diplomar-se em medicina, Frankl trabalhou com Oswald Pöltz na clínica neurológica da Universidade de Viena. Encorajado por Pöltz, procurou se libertar dos rígidos esquemas das escolas e passou a confiar em suas intuições. Nesse contexto, procurou aprofundar na investigação existencial dos problemas psicológicos, fundamentados na intuição da necessidade do sentido da vida, definindo assim a sua posição no campo da psicologia e da psiquiatria.

As leituras e reflexões de Frankl continuaram a ponto de organizar um quadro de referência axiológico, o qual permitiu a muitos pacientes encontrar uma razão para viver, mesmo em condições objetivas e subjetivas de manifesto sofrimento. Nasceu, assim, o primeiro núcleo da Logoterapia, que consistia em considerar que a pessoa humana possui em si mesma a possibilidade de dar um significado à própria existência, tendo o psicoterapeuta a tarefa de auxiliar o paciente no empenho e na procura do sentido da própria existência.

Após colaborar com O.Pöltz, Frankl prestou serviços no Hospital Psiquiátrico de Viena, no pavilhão de pessoas afetadas por manias suicidas, onde permaneceu por quatro anos. Em 1936, tornou-se neuropsiquiatra e em 1937 abriu o seu próprio ambulatório (PAREJA HERRERA, 1989; FIZZOTTI, 1977b).

Hitler invadiu a Áustria em 1938 e, como se sabe, teve início uma dura, cruel, racista e perversa perseguição àqueles não considerados de “raça pura”. Inicialmente, Frankl continuou exercendo as atividades de médico na área do Rothschildspital, lugar reservado exclusivamente aos hebreus (XAUSA, 1986). Nesse período

do, entraram em vigor as leis que impunham a eutanásia para determinados pacientes, e Frankl empenhou-se em transgredi-las, não poupando esforços para lutar em favor da vida (FIZZOTTI, 1977a).

No início da Segunda Guerra Mundial, o neuropsiquiatra conseguiu um visto de emigração para os Estados Unidos. Sua irmã refugiou-se na Austrália e Walter, seu irmão, fugiu para a Itália onde foi capturado pelos nazistas e deportado para os campos de concentração.

Foi em dezembro de 1941 o casamento de Frankl com Tilly Grosser, uma hebréia que conquistou o amor e a simpatia do nosso autor. Todavia, um amor com dor, pois a intensa investida dos alemães levou Frankl a pensar em migrar para os Estados Unidos, local no qual teria, além de boas possibilidades de viver em paz com sua esposa (que estava grávida), a iminente chance de se projetar com êxito no campo profissional. Apesar do desejo, dos benefícios da mudança e do apoio incondicional dos seus pais, Frankl cedeu ao dilema da dúvida. Sentiu-se angustiado em ter que deixar os seus pais, já idosos, diante do destino cruel reservado às guerras. Sobre este episódio, Fizzotti (1977a) relata que numa noite Frankl sonhou com uma multidão de deportados que necessitavam de seus cuidados e lhe pareceu ser aquele o seu lugar e não nos Estados Unidos. Sem dúvida, era difícil tomar uma decisão.

Fiel aos princípios de amor e fé, Frankl intuía que necessitava recolher-se na busca de um destino. Certa noite, saiu de casa absorto em seus pensamentos e, mesmo sendo judeu, entrou na Catedral de Viena, ficando naquele lugar durante um longo tempo. Em oração, suplicou a Deus para que tivesse algum sinal que o ajudasse a tomar uma decisão. Ao retornar à sua casa encontrou sobre um móvel um pedaço de mármore, que seu pai havia recolhido entre os destroços de uma sinagoga. Este pedaço de mármore continha a inscrição de uma letra em hebraico que representava o quarto mandamento do decálogo de Moisés: honra teu pai e tua mãe sobre a terra que o Senhor, teu Deus, vai te dar (Êxodo, 20,12). Este episódio Frankl o entendeu como a resposta à sua dúvida e decidiu por ficar e enfrentar o risco da constante perseguição nazista (FIZZOTTI, 1977B; XAUSA, 1986).

A sua captura pelos nazistas veio a acontecer em novembro de 1942. Ressalta Fizzotti (1977a) que, no momento da separação

de Tilly (uma mulher de beleza singular), Frankl viveu outro dilema: no campo da moral seria difícil exigir de sua mulher o incondicional compromisso da fidelidade conjugal. Tilly era muito bonita e, talvez, pudesse preservar sua vida, cedendo às perversas investidas dos membros da SS. De acordo com Frankl (*apud* BAZZI *et.al.*, 1981):

No dilema entre ‘não matar’ e ‘não cometer adultério’, antecipadamente Frankl a eximiu do compromisso da fidelidade conjugal, senão, sentir-se-ia co-responsável pela sua morte. Contudo lhe disse: ‘Permaneça viva custe o que custar. Faça de tudo para sobreviver’.

Durante a Segunda Guerra Mundial, Frankl já fora forçado a interromper sua carreira. A esta primeira etapa de sua vida, Mário Caponetto, citado por Xausa (1986), denomina de momento interrogativo, o qual se caracteriza pela busca de uma verdade científica condizente com o ser humano. Seguiram-se a esse período, outros três: o pático, o científico e o sapiencial. O momento pático foi vivido nos campos de concentração, não mais como psiquiatra, mas como um refém, aprendendo a conhecer a humanidade através do próprio sofrimento e do sofrimento de seus companheiros. O terceiro momento da vida de Frankl, denominado por Caponetto de momento científico, se iniciou com a publicação do livro *Em busca de sentido*. Um psicólogo no campo de concentração (1945), que contém os fundamentos da Logoterapia. O momento sapiencial, corresponde ao descobrimento do inconsciente espiritual. Com essa descoberta, o autor “obtem a plenitude científica, que é uma síntese dos conhecimentos vivenciais e conceituais, uma integração entre outros conhecimentos teóricos e a prática clínica e onde o ser humano abre definitivamente a porta da transcendência” (XAUSA, 1986, p. 42).

Sua mulher Tilly faleceu no campo de concentração. Até o ano de 1984, Frankl não teve ciência das circunstâncias nas quais ela foi morta. Foi quando veio ao Brasil, para o Iº Encontro Latino-Americano Humanístico-Existencial: Logoterapia, realizado em Porto Alegre, que soube sobre a morte de Tilly. Entre as muitas pessoas que foram recepcioná-lo na chegada no Brasil, estava uma cunhada. Durante a guerra, a família Grosser emigrou para Porto

Alegre e o sogro de Frankl exerceu o cargo de professor na PUC/RS, uma das entidades promotoras do referido encontro. Para a surpresa de Frankl, foi no Brasil - momentos antes de seu embarque de retorno - que soube das circunstâncias da morte de sua mulher, fato narrado pela própria pessoa que acompanhou entre os braços os acontecimentos.

Frankl ficou prisioneiro no campo de concentração de 1942 a 27 de abril de 1945. Contava com 40 anos de idade e 25kg. Pesava-lhe a experiência do sofrimento vivido naqueles anos. Dedicou seus primeiros tempos de liberdade para saber sobre o paradeiro dos seus familiares. Ao saber da morte de seu pai, irmão e, principalmente, da morte de Tilly, que Frankl ditou (durante nove dias) para o gravador a primeira versão do livro *Um psicólogo no campo de concentração*.

Nos anos que se seguiram, ele redigiu seus escritos metaclínicos, nos quais descreveu e sistematizou o seu patrimônio intelectual formado nos anos anteriores à guerra, recuperando, assim, o manuscrito que lhe fora tirado por ocasião da captura nazista. Em 1952, em seu artigo *Dimensões do ser-homem*, salientou a possibilidade de uma noogênese da neurose. Em um outro artigo, *Indicações da Logoterapia Analítico Existencial*, introduziu na psicoterapia o conceito de neurose noogênica, aquela forma de neurose que se enraíza no âmbito do noético, em um problema espiritual, em um conflito ético ou em uma crise existencial. A temática central no caso da logoterapia, nesse sentido, é a “frustração existencial” causada pela carência de sentido manifestada através de fenômenos de massa, como depressões, agressões ou toxicomania, por exemplo.

Viktor Frankl faleceu em 1997, foi titular das cadeiras de neurologia e psiquiatria da Universidade de Viena e também professor de Logoterapia da Universidade Internacional da Califórnia. Ocupou diversas cadeiras nas Universidade de Harvard (convidado por Gordon W. Allport, em 1961), Stanford, Universidades de Dallas (Texas) e de Pittsburgh. Sua teoria tem sido incorporada em muitos estudos e vários centros de pesquisa por todo o mundo.

No Brasil, a Logoterapia teve como campo privilegiado o estado do Rio Grande do Sul, principalmente na Pontifícia Universidade Católica (PUC). Vale ressaltar que na América-Latina, em 1984, com a presença de Viktor Frankl, foi fundada a Socieda-

de Latino Americana de Logoterapia, integrada pelos seguintes países: Argentina, México, Chile, Porto Rico, Uruguai e Brasil, da qual o autor da Logoterapia é presidente de honra.

Um Psicólogo no Campo de Concentração: o *experimentum crucis*

O período que Frankl viveu nos campos de concentração foi por ele chamado de *experimentum crucis* (FRANKL, 1983). O documento mais significativo deste momento de sua vida, conforme ressaltado anteriormente, está no livro *Em busca de sentido - um psicólogo no campo de concentração*, escrito em dezembro de 1945, poucos meses depois de sua libertação, sob a intensa emoção provada com a constatação da morte do pai, da esposa (principalmente) e do irmão, conforme o próprio Frankl expõe nas páginas iniciais desta obra. Quanto à mãe, ele chegou a vê-la sendo obrigada a entrar na câmara de gás. Tomado pela dor, permaneceu por nove dias em isolamento catártico, ditando a sua história. Este documento, o seu *experimentum crucis*, possui uma notável originalidade:

Frankl procurou colocar-se do ponto de vista profissional, procurando objetivar ao máximo a matéria ali tratada. Mais do que um resumo das atrocidades do campo, é um documento sobre a anulação das pessoas que ali se encontravam, incluindo os Capos e a SS. A questão da sobrevivência ética, sustentada pela convicção inquebrantável que o homem pode em qualquer condição de vida encontrar um significado digno para sua situação foi para Frankl aquilo que Freud chamou de auto-análise (BAZZI et al., 1981, p. 82).

Este acontecimento amadureceu em plenitude as convicções filosóficas e psicológicas que Frankl tinha elaborado. Pôde verificar em si mesmo a validade de sua principal tese: o homem para viver tem, sobretudo, necessidade de significado. A vivência nos campos de concentração foi para ele uma confirmação existencial de seus ensinamentos, uma “experiência empírica no mais amplo sentido do termo”. Esses anos lhe proporcionaram verificar com nitidez que o ser humano perde a sua humanidade quando é privado do sentido da vida. Igualmente, constata que nenhuma vida hu-

mana está carente da possibilidade de busca e configuração de sentido, sejam quais forem às circunstâncias objetivas e subjetivas, “sequer em Auschwitz”.

Nas experiências descritas no livro *Em busca de sentido...*, Frankl descreve como perdeu a identidade de cidadão austríaco e passou a ser o prisioneiro de número 119.104 dos campos de concentração nazista. Frankl justifica-se da seguinte forma:

Não se trata, portanto, de um relato de fatos e sucessos, e sim de experiências pessoais, experiências de milhões de seres humanos que também a sofreram. É a história íntima de um campo de concentração contada por um de seus sobreviventes (FRANKL, 1983, p. 13).

É fato a estreita relação entre o autor e sua teoria. Os quatro campos de concentração por onde passou Frankl – Theresienstadt, Türkheim, Kaufering e Auschwitz – foram as etapas de seu experimentum crucis, percorridas não como psiquiatra, tampouco como médico, mas como um prisioneiro comum. Sua dolorosa experiência pode ser entendida como uma verdadeira antropologia filosófica, alicerçada em um pensamento crítico, empírico e objetivo. No seu experimentum crucis, Frankl passou por três fases e, aos poucos, percebeu que o ser humano seria capaz de passar pelo mais intenso sofrimento quando tivesse uma razão e um por que viver.

A primeira fase nos campos de concentração é a fase do impacto, na qual o autor faz uma análise das primeiras reações dos prisioneiros e das condições que lhes restaram frente à necessidade de existência “nua e crua”, como o próprio Frankl diz. É nessa fase - denominada de existência desnuda - que, tanto os homens como as mulheres, depois de capturados, são despojados de quase todos os seus pertences:

Enquanto ainda esperamos pelo chuveiro, experimentamos integralmente a nudez: agora nada mais temos senão esse nosso corpo nu (sem os cabelos). Nada possuímos a não ser, literalmente, nossa existência nua e crua (FRANKL, 1983, p. 25).

Na segunda fase, Frankl descreve a vida no campo de concentração e relata que os prisioneiros eram invadidos pela apatia,

caracterizada como uma morte emocional que evoluía para a instabilidade, a ‘ausência’ de sentimentos, solidão e total desvalorização do ser humano.

A terceira fase é chamada fase da libertação do campo, caracterizada pelo momento de inserção na sociedade e alívio da constante tensão. Nesta fase, ele recorda que o afrouxamento das tensões resultou em outras sensações psicológicas e experiências mentais, como por exemplo, a amargura e a desilusão do como retornar à antiga vida. A amargura, conforme relata Frankl (1983), está associada a determinadas formas convencionais pelas quais eram recebidos os recém-libertados. Em geral, as falas, frases, recepções e gestos jamais poderiam retratar, avaliar ou re-significar o sofrimento proveniente da prisão. Em xeque o autor colocou a desilusão e a atitude superficial da maioria dos amigos e pessoas que se viam diante daquele sofrimento. Outro aspecto importante observado nesta fase é o sentimento de despersonalização experimentado pelos recém-libertados; sentimento oriundo da intensa massificação a que foram submetidos nos campos de concentração.

Sinteticamente, pode-se dizer que a experiência de Frankl no campo de concentração se constituiu em um “laboratório vivo”, uma “antropologia existencial” que confirmou muitas teorias, comportamentos, sentimentos e possibilidades de sobrevivência dos seres humanos (XAUSA, 1986).

O Indivíduo na Comunidade sob o Ponto de Vista Frankliano: uma contribuição da logoterapia para a psicologia social

Como se viu, a vivência de Frankl nos campos de concentração, a dor física e psicológica proporcionaram-lhe a descoberta de que, mesmo nas piores condições de vida, os seres humanos conseguem configurar mecanismos de liberdade espiritual: um estado interior inerente ao ser humano, um estado comportamental no qual repousa no indivíduo a capacidade de manutenção do seu próprio cosmos. Em outras palavras, um estado comportamental que confere ao ser humano “algo único”, idiossincrático e singular.

É possível, seja qual for o caso, que tanto os homens como as mulheres conservem a liberdade e a possibilidade de decidir a favor ou contra a influência do meio ambiente. Obviamente, isso não quer dizer que os indivíduos estejam totalmente livres da possibi-

lidade do condicionamento, mas sim que a eles cumprem a decisão de submissão, re-significação, confronto, consentimento ou mudança dos determinantes ambientais. É nesse sentido que tanto a liberdade como a responsabilidade recebem importantes roupagens no pensamento de Frankl (1989):

Não preciso de que ninguém me chame a atenção para a condicionalidade do homem - afinal de contas, eu sou especialista em duas matérias, neurologia e psiquiatria, e nessa qualidade sei muito bem da condicionalidade biopsicológica do homem: acontece, porém, que não sou apenas um especialista em duas matérias, sou também sobrevivente de quatro campos de concentração, e por isso também sei perfeitamente até onde vai a liberdade do homem, que é capaz de resistir às mais rigorosas e duras condições e circunstâncias, escondo-se naquela força que costumo denominar de resistência do espírito (FRANKL, 1989, p. 41).

No que concerne à coercitividade da sociedade, é forçoso deixar claro que Frankl acredita que o indivíduo tem e nutre uma missão pessoal: a do preenchimento de lacunas no mundo. Cada pessoa é única não somente por suas características individuais, mas também pela missão particular que possui. Essa percepção do ser no mundo caminha na direção oposta à da massificação. No pensamento do autor, o ser humano possui a necessidade de engajamento pessoal para com a vida. Tal engajamento nasce do espírito comunitário bem direcionado, cooperativo e oriundo do esforço de todos. O objetivo coletivo, em tais circunstâncias, ganha um sentido em si mesmo.

Para Frankl (1989), os processos de massificação eliminam a singularidade da pessoa, fazendo de cada indivíduo uma simples cópia do outro. Nela, não é possível encontrar a singularidade, a diversidade, a ação e as atribuições individuais. É longe das massas e próximo à comunidade que o ser humano tem a possibilidade de renascer para a vida individual e coletiva. A vida em comunidade permite o nascimento inicial da contemplação, logo em seguida da relação criadora e, depois, da relação eu-tu. Na vida em comum, homens e mulheres encontram a capacidade de amar, cuidar do semelhante e de aprender e ensinar a conviver. Em ou-

tras palavras, não existe o condicionante comunitário, tampouco o condicionamento individual ou mesmo a ação pura e simples proveniente dos impulsos condicionados ou não. Comunidade e indivíduo fazem parte de um só corpo. É impossível a existência de um sem o outro.

Pelo visto, o neuropsiquiatra judeu ressalta a singularidade dos seres humanos. Na esteira do pensamento de Freud, não deixa de revelar a existência e a importância da individualidade, afinal, o ego, “não é o dono de sua própria casa?” (FRANKL, 1991, p. 116). Todavia, o significado desta individualidade, o sentido da personalidade humana para Frankl (1989), é sempre orientado em relação à presença marcante da comunidade. Em outras palavras, o sentido da pessoa humana, como ser de personalidade, livre e responsável, está fundamentado e tem como ponto de referência a comunidade. Esta, por sua vez, não massifica, tampouco retira a responsabilidade de ser. Cumpre aos indivíduos a difícil tarefa de manutenção dos seus papéis, peculiaridades, interesses ou mesmo de mudanças da sociedade. Ao contrário dos animais, aos seres humanos, foi dada a capacidade de transcender-se a si mesmo. Não existe destino, tampouco o império nu e cru dos desejos e condicionamentos. Para o autor, os seres humanos devem mudar, apostar em suas metamorfoses, “fazer diferente”, ser diferente, pois “quem de saída julgar selado o seu destino, por certo, não estará em condições de sobrepujá-lo” (FRANKL, 1991, p. 17). Mais que isso, em tempos de modernidade recente (YOUNG, 2002) provavelmente reside nessa incapacidade de ser (TILLICH, 1976) a criação e, por ressonância, a manutenção de várias doenças. Nesse sentido, Frankl (1991, p. 116) assevera que:

O homem de hoje conhece à sociedade o fato de possuir instintos, o que temos de mostrar-lhe é que ele possui também espírito – espírito, liberdade e responsabilidade. O que a nós, médicos da alma de hoje, presentes no âmago do tempo e dispostos a nos colocarmos à sua altura, o que a nós médicos incumbe fazer é mostrar novamente que ele é livre e responsável.

É forçoso confirmar, nesse sentido, a necessidade que a comunidade possui de indivíduos capazes de fazer valer a sua exis-

tência individual. Longe disso, não há sentido. É esse fenômeno que, essencialmente, distingue a comunidade da massa pura e simples. A responsabilidade, a liberdade e o espírito contemplado são as engrenagens ou mesmo o combustível individual que faz mover a grande máquina denominada “comunidade”. Um não exclui o outro, existe uma simbiose entre indivíduo e comunidade. E é nesta última que homens e mulheres devem buscar a realização, o sentido e o significado de ser pessoa.

O outro caminho é a massa que não tolera a individualidade, tampouco a existência individual, a qual não encontra meios para encontrar em seu seio a plenitude de um sentido (FRANKL, 1989). Ao passo que a comunidade tem um perfil, a massa é fascista e carente de personalidade humana. A ela, tal como apresenta Frankl (1991), a personalidade constitui um verdadeiro embaraço e, em tempos difíceis, como foi o período anterior (durante e após a Segunda Guerra Mundial), a massa sacrifica a individualidade e sufoca a personalidade, tendo por alicerce mecanismos de nivelamento, como é o caso da idéia – na maioria das vezes totalitária – de igualdade entre os seres humanos.

Para o autor, nos processos de massificação, o destino da liberdade e da responsabilidade pessoal é driblado, e homens e mulheres são despersonalizados ao máximo (tal como observou Frankl nos campos de concentração). A massa homogênea e não valoriza a originalidade que existe em cada ser humano. Portanto, o ser idiossincrático acaba por perder a dignidade sempre que se vê absorvido pela massa uniforme e fascista. Absorvido por tais processos, o ser humano vê perdido o que lhe é mais peculiar: a liberdade e a responsabilidade. Em contrapartida, na comunidade ele possui a possibilidade de escolher, agir responsavelmente e assumir os rumos da própria ação. É neste ponto que a Logoterapia defende a principal diferença entre a comunidade e a massa: “Uma verdadeira comunidade é essencialmente comunidade de pessoas ‘responsáveis’, ao passo que a pura massa é apenas uma soma de seres despersonalizados” (FRANKL, 1989, p. 118, grifo do autor).

A liberdade e a responsabilidade diante da vida constituem o eixo principal da antropologia frankliana. A concepção que se faz dela, entretanto, inclui os obstáculos a serem enfrentados pelos próprios indivíduos. O importante é que a liberdade tenha direção transcendente: não só “liberdade de”, mas “liberdade para”. Não

se pode caminhar para a degradação, arbitrariedades e libertinagens. Ao indivíduo cumpre a ciência da finitude, dos limites, riscos e a possibilidade do fracasso. Supõe, sobretudo, o exercício incondicional da responsabilidade. Nas contundentes palavras do próprio Frankl (1991, p. 118-119):

O homem é a sua liberdade. Aquilo que apenas tem poderá perder. A liberdade, porém, é característica permanente e definitiva do homem. Mesmo que a ela renuncie, o próprio ato dessa voluntária renúncia acontece na liberdade. [...] o julgamento sobre a liberdade ou inexistência da mesma não será feito simplesmente à base da teoria, mas em primeiro plano, na prática, no agir aqui e agora.

À GUIA DE CONCLUSÃO

A Logoterapia se difundiu rapidamente pela Europa, América e Ásia. Encontrou, obviamente, muitas críticas por parte de psicólogos, antropólogos, sociólogos, médicos e psiquiatras que ainda não acreditam que o ser humano, mesmo doente e em manifesto sofrimento, necessita de um significado para viver. Não obstante as críticas, a Logoterapia tem encontrado muitas adesões no campo acadêmico e científico, haja vista que sua preocupação principal é entender o ser humano e, por ressonância, a humanidade em toda sua integridade.

Os vinte e seis livros de Frankl foram traduzidos em pelo menos vinte línguas, incluindo o japonês, o coreano, o chinês e algumas línguas africanas. Sobre a Logoterapia, já são incontáveis os pesquisadores, os terapeutas, os livros e as teses.

Não deve ser por acaso que o sentido da vida tem chamado muita atenção de vários pesquisadores em diferentes áreas do conhecimento, sejam elas das ciências naturais, sejam das sociais. Muitos estudos vêm comprovando a teoria de Frankl, identificando a existência da falta de sentido, do vazio existencial e da massificação como principais causas de muitas neuroses, sobretudo, das que podem ser relacionadas ao auto-extermínio individual e coletivo.

Não há dúvida que a Logoterapia tornou-se um modelo, um sistema, um caminho a seguir no campo das ciências humanas e

sociais. No caso da psicologia, ela nasceu tanto pela necessidade do preenchimento do “vazio existencial” presente na ontologia do ser humano, como da necessária visão que busca as ciências do espírito em oferecer uma acepção completa do ser humano.

/Referências

BAZZI, T. et al. *Guida Alla Logoterapia - per una psicoterapia riummanizzata*. Roma: Città Nuova, 1981.

BÍBLIA sagrada. A T. Êxodo. São Paulo: Santuário, 1987.

BONIN, W. F. *Diccionario de los grandes psicologos*. México: Fondo de Cultura Económica, 1991.

BÖSCHEMEYER et. al. *Dar sentido à vida: a logoterapia de Victor Frankl*. Petrópolis: Vozes, 1990.

FADIMAN, J.; FRAGER R. *Teorias da personalidade*. São Paulo: Habra, 1979.

FIZZOTTI, E. *De Freud a Frankl: interrogantes sobre el vacio existencial*. Pamplona: Universidade de Navarra, 1977a.

FIZZOTTI, E. *Dopo il divano de Freud la poltrona de Frankl*. *Rivista Città Nuova*, n. 06, p. 32-34, mar. 1977b.

FRANKL, V. E. *Em busca de sentido: um psicólogo no campo de concentração*. 4. ed.. Petrópolis: Vozes, 1983. Original data de 1945.

FRANKL, V. E. *Fundamentos antropológicos da psicoterapia*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

FRANKL, V. E. *La presencia ignorada de Dios: psicoterapia y religion*. 2. ed. Barcelona: Herder, 1979.

FRANKL, V. E. *Psicoterapia e sentido da vida*. 3. ed. São Paulo: Quadrante, 1989.

FRANKL, V. E. *Psicoterapia para todos*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1991.

GUARESCHI, P. *Apreciação da obra de Viktor Frankl*. *PSICO*, Porto Alegre, n. 8, v. 01, p.19-29, jan./jun. 1984.

PAREJA HERRERA, G. *Viktor E. Frankl – comunicaión y resistencia*. 2. ed. México: Premiá, 1984.

RODRIGUES, R. *Fundamentos da Logoterapia*. Petrópolis: Vozes, 1991.

TILLICH, Paul. *A coragem de ser*. 6. ed. Tradução de Eglê Malheiros. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

YOUNG, J. *A sociedade excludente: exclusão social, criminalidade e diferença na modernidade recente*. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Revan; Instituto Carioca de Criminologia, 2002. (Coleção Pensamento Criminológico, v.7).

Abstract: in this article, it is a bit of biography and work of Viktor Emil Frankl (1905-1997), demonstrating their professional and family life. They posted their academic training, the great love for his wife and family and experience in Nazi concentration camps, in order to understand the origin of his contribution to psychology and knowledge of the objective conditions of humanity.

Key words: logotherapy, meaning of life, humanity

LARISSA ASSUNÇÃO RODRIGUES

Mestre em Psicologia. Professora na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

LÚCIO ALVES DE BARROS

Doutor em Ciências Humanas: Sociologia e Política pela UFMG. Mestre em Sociologia.